


PRESSUPOSTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DE LEITURA DO PONTO DE VISTA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-345>

Data de submissão: 27/10/2024

Data de publicação: 27/11/2024

Éderson Pereira Neves

Mestre em Letras

Unimontes

E-mail: ederson.neves@educacao.mg.gov.br

Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho

Doutora em Letras: Linguística e Língua Portuguesa

PUC/MG

E-mail: maria.carvalho@unimontes.br

RESUMO

Trabalho justificado pela compreensão de que, na atualidade, os alunos vivem imersos na cultura digital e, sendo assim, o professor precisa desenvolver práticas que os envolvam num processo interativo que vise à formação de sujeitos críticos e participativos. O interesse é apresentar pressupostos teóricos e metodológicos para subsidiar atividades de leitura compreensiva e interpretativa de textos, em sala de aula dos anos finais do ensino fundamental. Tem como objetivo geral proporcionar a compreensão do gênero discursivo conto, de forma autônoma e crítica, apropriando-se de recursos necessários e suficientes para a produção oral e escrita desse gênero e específicos, além de identificar o contexto de produção e circulação, assim como as temáticas e características textuais do gênero discursivo conto, reconhecer os usos da língua conforme a situação comunicativa e utilizá-los de forma adequada no ensino aprendizagem de leitura. Teoricamente é fundamentado nos princípios da Linguística Textual, e da Análise do Discurso e nos pressupostos da leitura de acordo com a Base Nacional Comum Curricular. É uma atividade investigativa propositiva de delineamento qualitativo. Quanto ao método, é bibliográfica. Apresenta, como resultado, além das contribuições teóricas, uma atividade prática, por meio de sequência didática, para a leitura do conto “Uma galinha” de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Análise do Discurso e Linguística Textual. Prática de Leitura Compreensiva e Interpretativa. Gênero Discursivo Conto. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir dos resultados parciais da atividade investigativa realizada como trabalho de conclusão da disciplina Texto e Ensino, no âmbito do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

Justificado pela consideração de que: (i) os alunos do século XXI não são seres passivos diante dos conhecimentos, já que estão imersos na cultura digital; (ii) os professores também precisam transformar sua prática, o que requer a ampliação dos conhecimentos e utilização de recursos teóricos e metodológicos e, (iii) considerar que as atividades de leitura em sala de aula devem ser pensadas visando à formação de sujeitos críticos e participativos.

Teoricamente é um trabalho fundamentado nas proposições da Linguística Textual (LT), na Análise do Discurso (AD) e nos pressupostos de leitura previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/BRASIL/2017).

Tendo em vista essas considerações, a proposta que se segue tem como objetivo geral proporcionar a compreensão do gênero discursivo conto, de forma autônoma e crítica, apropriando-se de recursos necessários e suficientes para a produção oral e escrita desse gênero.

E como objetivos específicos:

- (i) identificar o contexto de produção e circulação do gênero discursivo conto, assim como a temática e as principais características textuais; e,
- (ii) reconhecer os usos da língua, conforme a situação comunicativa e utilizá-los de forma adequada.

Desenvolvida de acordo a metodologia qualitativa, conforme (Denzin e Lincoln, 2006). Quanto ao método é, conforme (Gil, 2010), pesquisa bibliográfica, por meio da consulta a livros e artigos e, quanto aos objetivos, é de base exploratória. É também pesquisa-ação propositiva posto que tem como resultado final, além da apresentação de pressupostos teóricos, sugestões didático-metodológicas para subsidiar atividades de leitura, interpretação e compreensão do gênero conto no EF II, que proporcionem aos alunos a autonomia e criticidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao definir competências para o estudo da língua portuguesa, a BNCC propõe entre as dez competências específicas para o estudo de língua portuguesa no (EF II): “Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos e continuar aprendendo.” Brasil (2017, p. 87).

Essa proposição do documento parametrizador do ensino vai ao encontro do previsto pela AD quando afirma que a leitura compreensiva de um texto advém de um trabalho que considera não apenas a leitura da superfície textual – o que está escrito/dito –, mas também a leitura do “não dito”. Nessa perspectiva, é importante que o professor trabalhe a leitura do ponto de vista discursivo, o que implica considerar os conhecimentos e valores partilhados pelos interagentes no momento da comunicação, a materialidade linguística – o que está na superfície textual – e também o que está subentendido ou apenas pressuposto e que pode ser lido, num processo dialógico interacional, mediante o acionamento de conhecimentos prévios – de mundo, textuais e linguísticos –, de cada leitor, tal como previsto na terceira fase da LT e na AD de linha francesa.

Há que se considerar, de acordo com Brandão (2004, p. 11), “[...] a linguagem como interação social, em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social.”

Complementar a essa consideração, a terceira fase da LT prevê que o texto deve ser considerado em seu contexto pragmático. No parecer de Bentes (2012, p. 267) “[...] o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos.” e, nas palavras de Fávero e Koch (2012, p.11), a hipótese de trabalho é “[...] não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma de manifestação da linguagem”.

Vale salientar que tais considerações estão em consonância com a BNCC que prevê “[...] a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses”, Brasil (2017, p. 67).

Entende-se que é ao nível do discurso que é possível observar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico-ideológico de sua produção e que é nessa perspectiva que a leitura deve ser trabalhada em sala de aula.

Neste sentido, é relevante que o professor compreenda o seu papel em sala de aula, pois já houve um tempo em que a sociedade retratou o docente como senhor absoluto do conhecimento, e o aluno, um ser passivo que apenas o recebia, como se fosse pronto e acabado. Contudo, a cultura digital deste século proporciona que o aluno não seja passivo diante do conhecimento nem mesmo se ele quisesse, porque há uma enorme disponibilidade de informações instantâneas, gratuitas e de fácil acesso. Assim, tudo que cerca os sujeitos aprendentes está em constante transformação e mudança e o

professor necessita acompanhar tais mudanças e transformar sua prática por meio da ampliação de seus conhecimentos.

Diante dessas considerações, cabe ao professor atuar como mediador e multiplicador dos saberes, contribuindo para despertar a motivação que impulsiona os estudantes em direção aos seus projetos individuais, despertando o sentimento de satisfação e de pertencimento tão necessários ao processo de ensino e aprendizagem.

É importante entender que o professor é um ser pensante e desde muito cedo arquiva, naturalmente, saberes, através das vivências e do contexto de inserção, os quais podem e devem ser ampliados ao longo da vida. Todavia, todo o saber e conhecimento adquiridos não fazem do professor o detentor e transmissor deles. É necessário considerar que os discentes carregam saberes intrínsecos, e é papel do docente proporcionar a eles atividades que os conduzam a refletir e a ativar os conhecimentos guardados, adormecidos, o que deve se dar por meio de atividades de leitura interpretativa e compreensiva.

Neste sentido, Paulo Freire (2002) menciona que “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Reafirmando a voz do autor supracitado, a BNCC (2017) propõe como uma das dez competências específicas para o estudo da língua portuguesa, no ensino fundamental, a formação do indivíduo crítico e participativo, uma vez que o texto é carregado de valores e ideologias. Sobre isso, assim prevê o documento, Brasil (2017, p. 87) “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.”

Nesse ínterim, é importante que o professor trabalhe com os textos em sala de aula na perspectiva discursiva, o que implica trabalhar não só a materialidade linguística – o que está na superfície textual –, mas também o que está subentendido ou apenas pressuposto e que pode ser lido num processo dialógico interacionista, mediante o acionamento dos conhecimentos prévios de cada leitor.

Afinal, de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais (2018),

Sabemos que os enunciados produzidos nas línguas naturais têm uma parte material – os sons, no caso da língua oral, e as formas, no caso da escrita –, mas têm também uma parte subentendida, essencial para a produção de sentido na interação. Essa parte subentendida, digamos, “invisível”, está no contexto de produção do enunciado, em sua enunciação e coenunciação, nos conhecimentos de mundo e nos valores partilhados pelos interlocutores. Currículo Referência de Minas (2018, p. 209)

Como prevê o documento, há que se levar em conta o contexto de produção, a enunciação, ou seja, “emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados”, conforme Brandão (2004, p.106).

Em se tratando da leitura de contos, algumas considerações sobre esse gênero devem ser conhecidas e consideradas no momento de sua leitura.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO CONTO

O gênero conto pode ser considerado uma das narrativas mais antigas do mundo e perdura até a contemporaneidade posto que a contação de histórias, ainda hoje, é uma prática recorrente nas atividades sociocomunicativas e interacionistas (Bosi, apud Almeida, p.36, 2015). As narrativas orais possuíam a função de entreter e divertir a plateia através de um enredo intrigante que sofria transformações de acordo com o desenrolar dos fatos e a capacidade do contador de lembrá-los ou reinventá-los para suprir o lapso da memória.

Com o passar dos anos e a necessidade do registro e conservação para gerações futuras, deu-se o surgimento à escrita. Contudo os contos ainda fazem parte tanto da tradição oral quanto da escrita, devido à dinamicidade, utilidade, envolvimento, reflexão e interação provocados no interlocutor. De acordo com (Silva [s.d], apud, Almeida, p. 35, 2015) “De todas as formas de narrativas existentes, o conto é provavelmente a mais antiga, lugar que disputa somente com os cantares trovadorescos e os poemas épicos”.

A produção do conto no Brasil sofreu fortes influências dos autores franceses Maupassant e Tchekhov, pois ambos propunham a reflexão dos atos, das ideologias, dos costumes da sociedade e do ser introspectivo. Os escritores brasileiros pioneiros nesse tipo de narrativa, o conto literário, foram os escritores: Álvares de Azevedo e Machado de Assis.

O conto pode ser definido como uma narrativa curta comparada ao romance e à novela, mas como esses, apresenta no seu enredo: a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho. O pesquisador Cortázar define o conto como textos significativos e importantes escolhidos pelo contista, que proporcionam ao interlocutor um deleite e reflexão que vão além da superfície textual.

[...] “o contista sente a necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido... no conto”. (Cortázar, *apud*, Almeida, 2015. p. 37).

Nota-se que, para o autor, ao mesmo tempo em que o contista se envolve com a significância do acontecimento contado, garantindo a função artística e formal dele, precisa preocupar-se com a possibilidade de o interlocutor/leitor transcender o que está escrito indo além, conforme sua inteligência e sua sensibilidade.

Seguem considerações sobre os tipos de contos.

2.1.1 tipos de contos

Mas afinal, o que é um conto? Uma narrativa curta, diferentemente do romance, não pode ser muito extensa. Geralmente, o tema do enredo são situações reais ou fictícias que envolvem o interlocutor e vão além de relatos pessoais.

No conto, realidade e fantasia misturam-se, transformando o real em ficção e o imaginário em verdade. De acordo Machado de Assis (1994, p.2) “O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias. É naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos”.

Sobre sua composição, é possível afirmar que é um gênero que possui poucos personagens, os fatos são desenvolvidos em torno de um conflito, foco narrativo em 1ª pessoa (narrador-personagem) ou 3ª pessoa (narrador-observador ou onisciente). O enredo geralmente apresenta uma situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho. Por ter uma natureza mais direta com o interlocutor, o conto causa múltiplas sensações distintas e/ou antagônicas (alegria, tristeza, raiva, amor, espanto etc.).

Entre os principais tipos de contos é possível citar:

- Conto fantástico;
- Conto de fadas;
- Conto moderno;
- Conto de ficção científica;
- Conto popular.

Além do conto tradicional, podemos encontrar o miniconto, microconto ou nanoconto. Os minicontos são textos breves, os quais incumbem ao leitor a missão de preencher os espaços, pensar e repensar no discurso dele e em outros para a construção do sentido.

Seguem alguns exemplos.

Quadro 1: Exemplos de minicontos.

Texto 1 Só	Texto 2 Assim:	Texto 3 Fumaça
Se eu soubesse o que procuro Com esse controle remoto... (Fernando Bonassi)	Ele jurou amor eterno. E me encheu de filhos. E sumiu por aí. (Luiz Ruffato)	Olhou a casa, o ipê florido Tudo para ela. Suspendeu a mala e foi. (Ronaldo Brito Correia)

Fonte: “Português: conexão e uso”, Dileta Delmanto e Laiz B.de Carvalho, 2018.

2.2 LEITURA, COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DO CONTO NA BNCC

A BNCC, documento normativo e norteador para que os estados e municípios produzam seu currículo referência, considerando também outros aspectos sociais e culturais, traz um rol de habilidades necessárias de amplitude nacional as quais são essenciais para a formação integral do aluno.

Dentre as habilidades elencadas pela BNCC/Brasil (2017, p.153) para o estudo e compreensão do gênero conto, do sexto ao nono ano, estão as seguintes:

(EF69LP47) - Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF89LP35) - Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

EF69LP44) - Inferir a presença de [...], reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. Desta forma o estudo e compreensão dos textos literários conforme a BNCC tem por objetivo levar o aluno a conhecer e produzir os diversos gêneros discursivos que circulam nas esferas e mídias comunicativas, suas particularidades e características, tornando-o um leitor consciente, crítico e participativo do seu próprio conhecimento e escolhas.

Tendo em vista as habilidades previstas na BNCC (2017), elencadas acima, produzimos a proposta de prática a seguir para o trabalho com o conto no ensino fundamental II.

2.3 O CONTO EM AÇÃO

A proposta de atividade a seguir foi desenvolvida considerando o público-alvo e os objetivos deste trabalho mediante uma Sequência Didática (SD) para leitura, interpretação, compreensão e produção textual.

O texto escolhido para desenvolvimento da proposta foi o conto “Uma Galinha” de Clarice Lispector.

2.3.1 atividade 1 – leitura da biografia e comentário sobre as características das obras da autora, clarice lispector

Quadro 3: Biografia de Clarice Lispector.

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma das mais importantes figuras da literatura modernista brasileira. Autora de clássicos como *A hora da estrela*, *Laços de família* ou ainda o livro de contos *Felicidade Clandestina*, Lispector construiu uma obra singular em nossa história, ressaltando um estilo intimista, com um olhar voltado para as questões cotidianas e, principalmente, psicológicas do ser humano.

Fonte: Brasil Escola.

Quadro 4: Informações sobre as características das obras de Clarice.

A obra de Clarice Lispector é normalmente associada ao Modernismo brasileiro em sua fase final. Seus livros são contemporâneos de outros autores, como Cecília Meireles e Vinicius de Moraes. É comum encontrarmos personagens criados pela escritora passando por processos de epifania diante de situações corriqueiras, banais. A epifania, vale lembrar, é uma espécie de reconhecimento que uma personagem passa, compreendendo a essência de algo. No conto *O amor*, do livro *Laços de família*, por exemplo, a personagem central, Ana, tem uma epifania enquanto sai para comprar ovos e vê um cego mastigando chicletes. A personagem faz uma espécie de viagem introspectiva enquanto estava sentada no Jardim Botânico, do Rio de Janeiro – vale a pena conferir esse conto inteiro para conhecer qual é a revelação encontrada pela personagem.

Fonte: Brasil Escola.

Quadro 5: Breves informações sobre a vida e as obras da autora.

Vida e morte

Clarice Lispector morreu no Rio de Janeiro, em 09 de dezembro de 1977, aos 56 anos. A causa da morte foi um câncer no ovário. A autora deixou dois filhos e um legado incalculável para a literatura brasileira.

Obras

As principais obras de Clarice Lispector são:

Perto do coração selvagem (1943)

Laços de família (1960)

A paixão segundo G. H. (1961)

A legião estrangeira (1964)

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (1969)

Felicidade clandestina (1971)

Água viva (1973)

A hora da estrela (1977)

Um sopro de vida (1978)

Fonte: Brasil Escola.

Quadro 6: Algumas das frases de Clarice Lispector.

Com o advento da internet e das redes sociais, Clarice Lispector tornou-se uma das autoras mais compartilhadas entre entusiastas da literatura, embora a autoria de muitas citações deva ser motivo de desconfiança de usuários desavisados. Muito do que se compartilha com o nome de Lispector nunca foi escrito pela própria autora, o que nos obriga a ter cuidado e checar as fontes antes de enviar as frases da autora para os amigos virtuais.

Uma frase famosa de Clarice que vive aparecendo nas redes sociais é a seguinte: “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”. Esse trecho incrível realmente é da autora e pode ser conhecido em seu contexto completo no livro *Perto do coração selvagem*, primeiro romance da escritora.

Também é atribuído à autora o seguinte trecho: “Ela é tão livre que um dia será presa. ‘Presa por quê?’ ‘Por excesso de liberdade’. ‘Mas essa liberdade é inocente?’ ‘É’. ‘Até mesmo ingênua’. ‘Então por que a prisão?’ ‘Porque a liberdade ofende’.” - Do livro *Um Sopro de Vida* (Pulsões). E “— Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.” – Do romance *A hora da estrela*.”

Fonte: Brasil Escola.

2.3.1.1 objetivos

- Proporcionar a aquisição de conhecimentos sobre a vida e a obra de Clarice Lispector.
- Compreender as principais características que norteiam as obras da autora.

Público-alvo: turmas de 8º e 9º anos

Recursos didáticos: computador, *datashow*, papel, tesoura, impressão dos textos.

Ambientes: sala de aula, biblioteca, pátio, quadra (ver os espaços disponíveis na escola).

Tempo estimado: 50 minutos

Procedimentos metodológicos:

- Faça cópias da biografia da autora.
- Leve os alunos para a biblioteca ou outro espaço da escola (o importante é sair da sala de aula). Organize o ambiente para recebê-los. Convide a bibliotecária para fazer parte deste momento.
- Dê para cada aluno uma cópia da biografia.
- Inicie a conversa perguntando se conhecem a escritora ou se já ouviram falar sobre ela. Se alguém já leu alguma obra ou texto dela. Se alguém responder sim, pergunte o que mais lhe chamou a atenção.
- Inicie a leitura da biografia e depois escolha alunos de forma aleatória para continuar.
- Avise-os que você iniciará a leitura e solicitará outros alunos para prosseguirem.
- Durante a leitura, se julgar necessário, pergunte aos discentes se conhecem o significado de palavras que talvez possam ser estranhas para eles, como as que estão em negrito no texto.
- Ler novamente algumas frases das obras de Clarice (sublinhado) e perguntar se já ouviram os trechos e posteriormente indagá-los sobre a intencionalidade da autora quando disse que a liberdade ofende.

2.3.2 atividade 2 - leitura da sinopse da obra “laços de família” assim como o contexto de produção

Quadro 7: Sinopse: Laços de família – Clarice Lispector.

A obra *Laços de Família*, Clarice Lispector, publicada em 1960, reúne 13 contos que seguem quase a mesma temática relacionada aos conflitos familiares. A maioria dos personagens são representantes das pessoas comuns da sociedade, fadadas à mesmice do cotidiano. A maioria dos contos o foco narrativo é de 3ª pessoa (narrador observador) e somente “O jantar” possui foco narrativo de 1ª primeira pessoa (narrador -personagem).

Um das características marcantes das obras da autora é a epifania, momento de revelação, de estalo de consciência na qual a personagem traz para si um fluxo de memórias e verdades sobre ela mesma e o mundo. Geralmente, as personagens são femininas, as quais retratam as inquietações, do cotidiano e o desejo de

transformação da mulher do século XX que se sente oprimida diante do que almeja e acredita daquilo que é imposto pelos valores, cultura e tradição da sociedade.

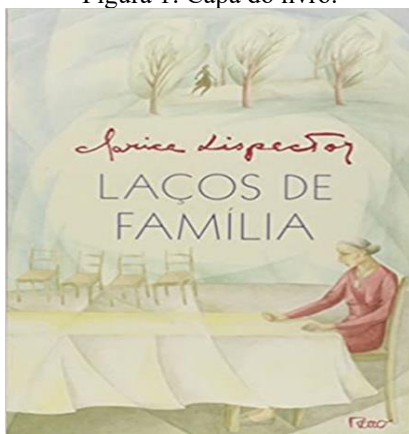
Nos contos, Clarice aborda a rotina familiar a qual cria conflitos, laços que prendem o indivíduo. Há momentos que tenta se libertar, porém a rotina cotidiana impedia-lhe o desencarceramento.

Laços de família pertence a terceira geração do Modernismo brasileiro ou geração de 1945. As principais características que influenciaram a escrita da obra foram:

- fluxo de consciência (a transposição dos pensamentos e emoções para o texto literário);
- sondagem psicológica (análise profunda dos estados de alma das personagens);
 - monólogo interior (o narrador mantém um diálogo consigo mesmo);
- epifania (a descoberta de algum elemento transformador o qual se torna compreensível).

Fonte: Ebiografia/Clarice Lispector.

Figura 1: Capa do livro.



Fonte: Amazon.

2.3.2.1 objetivo

- (i) Proporcionar que o aluno conheça aspectos estilísticos da obra literária que traz o conto “Uma Galinha”.

Tempo estimado: 100 minutos

Procedimentos metodológicos:

- Utilize a sala de aula ou outro ambiente que seja propício para usar um computador e *Datashow*. Caso a escola não tenha esses recursos, providencie algumas cópias da capa do livro “Laços de Família”.
- Espelhe a imagem da capa ou distribua as cópias dela para os alunos.
- Pergunte se já ouviram a expressão “Laços de Família”? Qual o significado de laço ou laços? E laços de família? Aborde a questão dos laços familiares (vínculos) em que os seres humanos estão inseridos.

- Após discussões, faça como a aula anterior, permita que alguns alunos (preferência aqueles que ainda não leram) façam a leitura da sinopse da obra “Laços de Família”. Se julgar necessário, comente o sentido das palavras em negrito.
- Antes de assistir ao vídeo, comente com os alunos os vários papéis que a mulher executa hoje na sociedade. Após comentar e ouvir, pergunte-lhes se sabem qual era o papel da mulher no início do século XX até meados da década de 60.
- Para complementar, assista ao vídeo clicando no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wp6zh7yKF78>. Acesso em: 10 maio, 2022.

2.3.3 atividade 3 – leitura da sinopse do conto: “uma galinha”

Quadro 8: Sinopse “Uma galinha”, Clarice Lispector.

“Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.” (Trecho retirado do conto).

Depois de perseguida e capturada pelo pai, uma galinha, no estágio final da vida, está prestes a virar a principal refeição de um almoço de domingo. Porém, antes do abate, a ave põe um ovo. A menina vê e, rapidamente, pede à mãe para não a matar, porque tornara-se mãe.

Fonte: Elaborada pelos autores.

2.3.3.1 objetivo

- (i) Despertar o gosto pela leitura e levar o aluno a compreender o gênero, utilizando estratégias de leitura adequadas para que reconheça os valores humanos, socioculturais e diferentes posicionamentos em textos literários.

Tempo estimado: 50 minutos

Procedimentos para levantamento de conhecimentos prévios:

- O professor faz a leitura da sinopse do conto. É preciso que seja disponibilizado cópias para alunos ou espelhamento dela, proporcionando assim, que os discentes acompanhem e envolvam-se com a discussão.
- Após a leitura, pergunte aos alunos se aos domingos costumam comer um delicioso frango caipira?

Comente sobre a tradição de muitas famílias comerem a carne de frango aos domingos. Como isso surgiu? Procure ouvir a todos e instigá-los. Se julgar necessário, leia o artigo sobre o assunto clicando no link disponível em (<https://super.abril.com.br/sociedade/nos-comemos-frangos-gracas-a-esse-costume-catolico>). Acesso em: 10 de maio, 2022. Talvez seja importante fazer a leitura do mesmo para os alunos.

- Em algumas localidades do interior é costume os avós, tios, padrinhos presentear os netos, sobrinhos, afilhados com bichos vivos (galinha, porco etc.). Pergunte aos discentes se já receberam uma galinha de presente. E como sentiriam se ela fosse escolhida para o almoço de domingo.
- Se nenhum aluno comentar, fale da necessidade de que algumas pessoas sentiam em prender a ave no dia anterior ao abate e qual seria o objetivo disso.

2.3.4 atividade 4- leitura do texto completo

Quadro 9: Conto Uma galinha - Clarice Lispector

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi, pois, uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde está, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

—Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

—Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

—Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos,

menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Fonte: Nova Fronteira, 1983, pág. 33- 36.

2.3.4.1 objetivo

- (i) Despertar o gosto pela leitura e levar o aluno a compreender o gênero, utilizando estratégias de leitura adequadas para que reconheça os valores humanos, socioculturais e posicionamentos diferentes, em textos literários.

Tempo estimado: 100 minutos

Metodologia de leitura: inicialmente, é necessário que sejam feitas cópias do texto para que os alunos o tenham em mãos e consigam acompanhar a leitura feita pelo professor. Depois solicite que os alunos façam uma roda, a fim de que eles também possam ler o conto. Durante a leitura do conto pelos discentes, solicite de cada um leia um trecho ou parágrafos.

Procedimentos

- Fragmento o conto: “Uma galinha”. Distribua os fragmentos enumerados conforme o enredo do texto base. Cada aluno recebe um fragmento.

Quadro 10: Conto Uma galinha – Texto fragmentado (sugestão)

Fragmento 1

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Fragmento 2

Foi, pois, uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé.

Fragmento 3

O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde está, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais

intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça.

Fragmento 4

O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Fragmento 5

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Fragmento 6

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Fragmento 7

Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

—Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Fragmento 8

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

—Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

—Eu também! Jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Fragmento 9

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Fragmento 10

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num

campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Fragmento 11

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Fonte: Fonte: Nova Fronteira, 1983, pág. 33- 36.

- Antes de iniciar a leitura fatiada, conscientize os alunos a ouvirem atentamente os colegas.
- Comente o significado das palavras desconhecidas do texto. Se julgar necessário, peça aos alunos que sublinhem as palavras e procurem no dicionário.
- O professor fará uma terceira leitura dramatizada do conto e para isso solicite aos alunos que fechem os olhos. Convide-os a transportarem-se para o mundo da imaginação criando as cenas do conto durante a leitura feita pelo professor.
- Pergunte aos discentes qual impressão tiveram do texto. Se conseguiram entendê-lo e se há um acontecimento que despertou a atenção deles.
- Comente com os alunos a necessidade que o ser humano sente em realizar os desejos dele os quais estão diretamente ligados àquilo que acredita e faz-lhe existir.
- Neste momento, é importante proporcionar os alunos a responderem às seguintes questões: Quem são os personagens? São pessoas comuns? Geralmente, há conflitos dentro de uma família? Quais fatores provocam esses desentendimentos?
- Diante do exposto, pode-se concluir que a rotina cotidiana de uma família é a vilã dos conflitos que surgem? Ela enfraquece ou fortalece os vínculos familiares? É possível se libertar da rotina familiar?
- Volte ao 10º. parágrafo e leia novamente para a turma. Questione os alunos sobre a atitude do pai. Neste momento, podemos inferir que ele tentou sair de uma rotina?

2.3.5 atividade 5- análise discursiva e linguística

2.3.5.1 objetivo

- (i) Proporcionar o conhecimento e compreensão das características do gênero conto.
- (ii) Estimular o prazer da leitura.
- (iii) Compreender o discurso presente em textos escritos de épocas diferentes.

Tempo estimado: 50 minutos

Procedimentos

- A partir das leituras e estudo proporcionado, os alunos resolverão as atividades a seguir, referentes ao conto “Uma galinha”.
- Proponha as atividades em duplas ou grupos, proporcionando o diálogo entre os alunos.

Quadro 11: Atividades de compreensão e interpretação textual

- 01- No segundo parágrafo, a galinha mantém-se no canto da cozinha imóvel e calma; “Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela”. Considerando as abordagens feitas até aqui sobre as características e temáticas que permeiam o estilo literário da autora, qual relação pode-se inferir dessa imagem e o tema abordado no texto?
- 02- Leia o trecho: “Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra”. Como discutimos anteriormente a mulher do século XX não tinha voz. Era dominada pelo pai e quando se casava pelo marido. Criada desde pequena para executar as tarefas do lar. Casava-se sem conhecer o marido e após casamento mesmo sendo infeliz mantinha-se naquela relação. Diante do exposto e considerando a galinha uma representação alegórica da mulher, explique o sentido da frase retirada do conto acima.
- 03- O conflito de uma narrativa representa os desafios que o personagem precisa resolver para alcançar os objetivos dele. No conto “Uma galinha” quando se inicia o conflito. Responda utilizando o fragmento do texto.
- 04- A fuga da galinha analisada no plano ideológico da autora possui a representatividade dos anseios da mulher submissa do século XX. Quais anseios seriam esses?
- 05- Leia o trecho: “Não vitoriosa como seria um galo em fuga”. [...] “A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista”. Se a galinha é a representação da figura feminina do século passado, quem seria o “galo” de acordo com a temática e peculiaridades do estilo literário da Clarice? Comente.
- 06- Considerando o clímax o ponto culminante e de maior tensão na solução do conflito. Sublinhe no texto, a frase que representa esse momento. Volte no texto e leia atentamente.
- 07- Na frase: “A mãe, cansada, deu de ombros.” Na sua opinião, considerando o contexto, a posição que a mãe ocupava naquela família e o conflito gerado, por que ela se sentia cansada? Observe as acepções da expressão “deu de ombros” a seguir e responda qual é a mais coerente de acordo com o texto e justifique?
“Dar de ombros: V. encolher os ombros. Encolher os ombros: a) demonstrar desdém, enfado ou indiferença; dar de ombros, levantar os ombros; b) suportar algo desagradável com tolerância e resignação; dar de ombros, levantar os ombros. Conteí todo o problema, mas ele deu de ombros. Fonte: Michaelis.
- 08- No 15º parágrafo, o pai mostra-se arrependido da perseguição que fez a galinha, ela tornara-se um membro importante daquela família. De acordo com o desfecho da história, pode-se concluir isso? Aborde seu ponto de vista.
- 09- Em uma narrativa o discurso direto é a representação fiel da fala da personagem, marcado pelo uso do travessão ou aspas. O discurso indireto é a reprodução da fala da personagem por meio do narrador, caracterizado pelo uso da 3ª pessoa. O discurso indireto livre a voz do narrador se mistura a voz da personagem. Observe os exemplos a seguir e retire do texto uma frase ou trecho que exemplifique cada discurso.
- Discurso direto: Eu não irei à aula hoje. – disse o menino.
Discurso indireto: O menino disse que não iria à aula.
Discursivo indireto livre: O despertador não tocara. Não vou à aula hoje.
- 10- Em um gênero textual é comum mesclar os tipos de discurso, porém há sempre um que predomina no texto. Considerando o discurso predominante no conto “Uma galinha”, responda qual é o foco narrativo do texto? O narrador é personagem ou observador?

Fonte: Produzido pelos próprios autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As teorias da AD e da LT, bem como os princípios previstos na BNCC/BRASIL/2017 proporcionaram a apresentação de pressupostos teóricos e metodológicos para atividades de leitura no EF. Entre outros, destacamos os que se seguem:

- 1- As significações de um texto dependem da sua materialidade linguística (formal) e do extralinguístico (histórico-social, ideológico), que instanciam o discurso;
- 2- Entendida do ponto de vista discursivo, a linguagem é interação e, portanto, lugar privilegiado de manifestação ideológica e de constituição dos sujeitos;
- 3- O sujeito do discurso não é aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas o que ocupa um lugar social e, a partir dele, enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras;
- 4- Uma abordagem da leitura na perspectiva discursiva prevê, conforme Orlandi (2015): (i) a compreensão da língua como resultado da materialidade e da ideologia; (ii) o discurso é uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social; (iii) a língua é a do mundo/da vida, que proporciona a produção de significados/sentidos por falantes reais, não só como sujeitos individuais, mas também membros de uma dada sociedade; e (iv) a linguagem cotidiana é uma entidade viva e, como tudo que é vivo, sofre modificações;
- 5- Abordagem de diferentes e variados textos considerando não apenas o contexto de produção e circulação, mas também a finalidade, os destinatários, os espaços de circulação e suportes, bem como os aspectos discursivos, composicionais e linguísticos, tal como prevê (BRASIL, 2017);
- 6- Do ponto de vista metodológico, priorizar o desenvolvimento de estratégias e habilidades de leitura as mais diversas possíveis.

4 CONCLUSÃO

Concluimos que são muitos os pressupostos teóricos e metodológicos a serem levados em consideração para o desenvolvimento de atividades de leitura no EF II quando se tem em consideração teorias discursivas.

Concernente ao gênero discursivo conto, vimos que ele pode ser estudado, de forma autônoma e crítica. Para isso, é importante identificar seu contexto de produção e circulação, assim como suas temáticas e características estruturais, de forma a não só reconhecer os usos da língua conforme a situação comunicativa, mas também utilizá-los de forma adequada no ensino aprendizagem de leitura.

O importante é proporcionar aos alunos a apropriação de recursos necessários e suficientes para a produção oral e escrita desse e de outros gêneros.

Assim, sem querer esgotar as teorias e os recursos didáticos, apresentamos uma amostra e esperamos que os leitores deste artigo possam não só se sentir subsidiados em suas práticas, mas, sobretudo, interessados em aprofundar os conhecimentos aqui anunciados.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001, pelo auxílio financeiro fundamental e investimento que proporciona importantes reflexões para ampliação dos conhecimentos e aperfeiçoamento da docência.

REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2012. 261 – 304.

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

BRASIL. MEC. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Trad. NETZ, Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. Linguística textual: introdução. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 12. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.